

Índice

- 9 Notas biográficas dos autores

- 15 Prefácio
Ana Pedro

MEMÓRIA E IDENTIDADE NA FILOSOFIA E NA NEUROPSICOLOGIA

- 23 Identidade, personalidade e memória na pessoa com Alzheimer: um ensaio na perspetiva de Merleau-Ponty
Ana Pedro
- 51 Memória autobiográfica, identidade e envelhecimento
Jaime Oliveira & Oscar Ribeiro

ESPAÇO, LUGAR E MEMÓRIA NA LITERATURA

- 77 Cartografias da dor: terra perdida na prosa narrativa breve do após-guerra alemão
Maria Teresa Cortez
- 97 Bread and Circuses: The Spectacle of “Refugees” and the Tourists Who Sponsor It
Maria Sofia Pimentel Biscaia
- 115 Resgate das memórias em *As duas sombras do rio* de João Paulo Borges Coelho
*Natália Guilhermina Oliveira Lameiras Alves
& Maria Eugénia Tavares Pereira*

- 129** Miragens da Europa: migrações impossíveis e
 identidades flutuantes em *Um Bailarino na Batalha*,
 de Hélia Correia
 Felipe Cammaert
- 139** Espacialidades e singularidade humana: o cumprir-se
 torguiano
 Ana Pedro & Carlos Maia

IDENTIDADE CULTURAL E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

- 159** As línguas estrangeiras em Marrocos: da aprendizagem
 escolar ao uso social
 Abdelilah Suisse
- 183** Fala, favela: a voz dos excluídos e a construção de
 identidades sociolinguísticas
 Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Prefácio

Ana Pedro*

A espacialidade física e simbólica, ou imaginária, da construção da identidade sempre foi um tema que chamou particularmente a atenção de filósofos, psicólogos, antropólogos, sociólogos e linguistas sociais que a partir dele procuraram compreender a essência do humano em que *eu sou eu como um mesmo e um outro como diverso*, ao mesmo tempo.

Entendida de uma forma individual ou coletiva, a identidade enquanto categoria ontológica que se traduz na força da unidade e da continuidade espaço-temporal do que é aparentemente diverso, mas único, vai assumindo matizes caleidoscópicos de renovados significados imersos em jogos de luz e de espelhos de que o sujeito é protagonista.

Pensar a identidade através da geografia histórica de um *ser-aí, de um ser no mundo*, fundador da sua própria identidade, como pensava Heidegger^[1], corresponde, inevitavelmente, a uma geografia (in)temporal de um eu que é o mesmo ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo que diverso, este eu encontra-se inevitavelmente ancorado num corpo também ele sujeito à mutação corrosiva do tempo em que o eu se transforma em novos modos de ser num *perpetuum* e renovado *continuum*. Por isso, habitar um espaço e um tempo determinados não será nunca, em si mesmo, neutro de significados, mas espelho de um rendilhar infinito que se traduz inesgotavelmente noutros modos de ser.

O que faz com que uma pessoa *seja essa pessoa e a mesma ao longo do tempo*? é, pois, a pergunta essencial de raiz heraclitiana^[2] que neste livro

* Universidade de Aveiro.

1 Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Ed. Vozes.

2 Foi Heraclito de Éfeso (cerca de 500 a.c.) quem inicialmente estudou a questão do devir como um estado permanente de mudança, ao referir que *Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou* (Kirk, Raven, Shofield, 2010, p. 202).

se coloca e em torno da qual se procuraram encontrar várias respostas a partir dos textos que cada autor encarna.

Dizer o outro, é, em última análise, dizer o eu (Ricoeur^[3]), pois em nós, somos nós e o outro e só somos através do outro porque o outro existe. O inverso também é naturalmente verdade. Dizer o outro através de matices infinitos e insondáveis, é também procurar traduzir a alma do que é e permanece neste emaranhado de fios e de feixes de luzes que nos ofuscam e (des)enlaçam enquanto seres de humanidade em construção. Interessa, pois, saber quem somos – uma questão identitária, portanto – nas rotas geográficas que se vão desenhando e redesenhando quer coletivamente, através dos inúmeros fluxos migratórios na tentativa de procurar perceber quem somos e quem queremos ser, quer individualmente, no percurso de uma doença demencial.

Mas se, por um lado, é verdade que estamos permanentemente expostos a mudanças e alterações, também é igualmente verdade, por outro lado, que a senda por aquilo que somos nos define e identifica como sendo nós próprios e não outrem, é interminável e infinita. Precisamos de encontrar aquele caráter de especificidade e individualidade que nos caracteriza e que nos torna únicos na nossa essência ôntica mais profunda que permanece “imutável” apesar de toda a inevitabilidade da mudança: aquilo que nos permite dizer “eu”, ou “nós”, como no caso da cultura.

O que habilita alguém continuar a afirmar a sua identidade cultural (ex: ucraniano, marroquino ou libanês...), sobretudo, quando abandona o seu país seja pelo que for, pela guerra, pela fome, pela intolerância religiosa ou pela política? Nestes casos, a identidade de um povo e da sua cultura desenham-se em cenários de guerra frágeis e instáveis que a obrigam a redesenhar-se e a redefinir-se. Nada mais é o que era. Os limites renovam-se a cada instante e os espaços geográficos que antes definiam a cultura identitária de um povo deixam de existir movidos pelos êxodos massivos a que a guerra e a fome, as ditaduras e as autocracias obrigam. O que antes era a identidade de um povo está agora disperso pelo mundo sem, contudo, perder a sua alma e a sua verdadeira essência numa busca incessante de si. As geografias espaciais que esquadrinham a identidade de um povo, de uma nação ou de uma cultura não obedecem mais às geografias temporais

3 Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Ed. Seuil.

subjetivas e imaginárias que ultrapassam aquelas e as abalroam tomando a dianteira na redefinição de quem se procura de novo encontrar num terreno ainda indizível porque ainda não experimentado.

Qual o papel da memória na construção da identidade? E como são incorporadas as transformações nesse processo de construção identitária? Que tipo de identidade(s) resulta desse processo? Dá-se uma justaposição, imposição ou integração identitária? E, no “final” desse trajeto, quem sou “eu” ou quem seremos “nós”? Onde reside o fundamento da identidade pessoal, individual e social? Será que a identidade do “eu” resistirá nas demências sujeitas a profundas transformações que inundam e se impõem ao ser que as habita?

Não se deixa de ser o que se é apesar de todas as alterações sofridas e impostas pela vida – eis a questão da identidade: ser o mesmo e diferente em simultâneo ao longo da nossa existência enquanto humanidade, o que obriga a um caminho de reflexão, conhecimento e pensamento de volta a si mesmo.

São várias as perspectivas que sobre este tema procuramos contemplar neste livro que agora se apresenta e que se encontra dividido em três partes, a saber: 1) Memória e identidade, na filosofia e na neuropsicologia; 2) Espaço, lugar e memória na literatura; e 3) Identidade cultural e diversidade linguística.

Na Parte I, *Memória e identidade, na filosofia e na neuropsicologia*, são apresentadas duas perspectivas diferentes de considerar a questão da identidade pessoal no contexto particular de doenças neurodegenerativas (ex: Alzheimer): a primeira, *Identidade, pessoalidade e memória na pessoa com Alzheimer – um ensaio na perspectiva de Merleau-Ponty*, de Ana Pedro, procura questionar do ponto de vista filosófico, a possibilidade da permanência da identidade em doentes com Alzheimer em estádios moderados e severos. I.é, trata-se de saber se o sujeito com doença de Alzheimer mantém, ou não, a sua identidade ou pessoalidade como *status moral*, se mantém a sua condição de ser a mesma pessoa antes da manifestação da doença ou se, pelo contrário, é uma pessoa diferente cujos efeitos da demência podem ter contribuído para alterar, ou mesmo destruir, a natureza da sua identidade. Muito embora assim possa ocorrer, sobretudo, se formos tentados a considerar que existe um grau inevitável de destruição de si, ainda assim, sustenta-se não existir fundamento filosófico para afirmar que a identidade

ou personalidade desse sujeito foram destruídas, ou que o seu passado foi de alguma forma invalidado; tal não significa que o sujeito com demência profunda não seja o indivíduo que antes era.

Por sua vez, *Memória autobiográfica, identidade e envelhecimento*, de Jaime Oliveira e Óscar Ribeiro, apresenta-nos uma interessante perspetiva da psicologia no que diz respeito às interseções entre identidade e memória em situações de défice mnésico normativo e patológico nas pessoas mais velhas, bem como uma relevante sistematização da literatura científica sobre o tema da memória autobiográfica focada nas *self-defining memories*.

Neste processo contínuo de traduzir o *múltiplo e o uno*, a Parte II procura dar-nos conta desta questão a partir da literatura – *Espaço, lugar e memória na literatura*. Assim, o primeiro texto *Cartografias da dor: terra perdida na prosa narrativa breve do após-guerra alemão*, de Teresa Cortez, apresenta-nos três short story –, escritos e publicados no imediato após-guerra, que remetem sob diferentes perspetivas para o trauma da terra perdida, vivido por milhões de alemães, na sequência da redefinição de fronteiras da Alemanha, da Polónia e da URSS. Embora diferentes, as três “Kurzgeschichten” têm como temática comum o banimento da terra natal, da casa de origem, a experiência de desterro e de desmoronamento da vida tal como era conhecida antes da guerra, o que obriga a uma redefinição da identidade cultural em contexto de pós-guerra.

Em *Bread and Circuses: The Spectacle of “Refugees” and the Tourists Who Sponsor It*, de Maria Sofia Pimentel Biscaia, a questão da identidade social e cultural é redimensionada a partir do contexto europeu, nomeadamente numa altura em que se assistia ao fracasso do multiculturalismo e à ascensão das ideologias neoliberais. Para tal, recorre ao trabalho artístico de Michael Kvium que levanta uma série de questões sobre a forma como a Europa trata os seus refugiados em busca da sua identidade.

Por sua vez, Natália Guilhermina Oliveira Lameiras Alves e Maria Eugénia Tavares Pereira, propõem-nos um novo palco para pensar a identidade – a África colonial e pós-colonial –, aferindo a forma como a dimensão histórico-política dos povos a pode determinar. Em *Resgate das memórias em “As duas sombras do rio” de João Paulo Borges Coelho*, a procura de uma nova identidade, as conceções de raça, classe social e etnias são repensadas, as tradições submetidas a um revisionismo constante e a sociedade tradicional moçambicana da época posta em causa.

Hélia Correia foi a autora de eleição de Felipe Cammaert para, em *Miragens da Europa: migrações impossíveis e identidades flutuantes em Um Bailarino na Batalha, de Hélia Correia*, nos dar a conhecer a forma e as circunstâncias que levaram um povo a questionar a sua própria identidade ou, o mesmo é dizer, a questionar sobre a própria noção de humanidade.

Em *Espacialidades e singularidade humana: o cumprir-se torguiano*, de Ana Pedro e Carlos Maia, os autores servem-se da pessoa e da obra de Miguel Torga para explorar a força da superação pessoal e social do homem face à leitura que este faz das condições de partida nas quais se encontra imerso, especialmente limitativas, que o levam a redesenhar e a forjar a sua identidade pessoal.

Da terceira e última parte desta obra – Identidade cultural e diversidade linguística – constam os textos de *Abdelilah Suisse, As línguas estrangeiras em Marrocos: da aprendizagem escolar ao uso social*, e de Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo, *Fala, favela: a voz dos excluídos e a construção de identidades sociolinguísticas*.

Estes textos têm em comum a relação que estabelecem entre as identidades linguísticas e o território político e social em que estão inseridas e a forma como estas interagem com aquelas. Todavia, enquanto *Abdelilah Suisse chama a atenção da importância da diversidade linguística percebida pelo sistema educativo marroquino, que promove a aprendizagem de algumas línguas estrangeiras*, Marcelo Melo, aproveitando as peculiaridades que caracterizam o seu país de origem no que diz respeito à relação intrínseca entre língua e sociedade, assinala que as identidades sociolinguísticas são forjadas a partir do lugar que os diferentes sujeitos ocupam na hierarquia social dos territórios (favelas) a que pertencem (Rio de Janeiro, Brasil).

Estas são as propostas que aqui deixamos com o contributo inestimável dos seus autores que generosamente se deixaram interpelar pela temática sempre atual da identidade e da memória. Porém, não detêm a exclusividade da temática nem tampouco têm a pretensão de esgotarem o tema. É que esta é uma história – a busca da identidade da humanidade – cujo fim se desconhece, não está predeterminado nem concluído, mas onde cada um tem sempre a possibilidade de a *reescrever*.

11 de julho de 2024